

**Travestilidades e devir mulher de pau:  
discussões a partir do conto Dama da Noite de Caio F.**

*Transvestisms and becoming woman with cock:  
debates on the short story Dama da Noite by Caio F.*

**André Luiz dos Santos Paiva**

*Mestrando em Estudos da Mídia na UFRN  
alz.paiva@gmail.com*

**Antônio Vladimir Félix-Silva**

*Doutor em Ciências Psicológicas pela Universidad de La Habana – Cuba  
wladyfelix@hotmail.com*

10

## Resumo

A partir do conto *Dama da Noite*, de Caio Fernando Abreu, desenvolve-se neste trabalho uma discussão a respeito da produção de subjetividades travestis, subjetividades *queer*, numa perspectiva da filosofia da diferença. Para tanto, apoia-se no método da cartografia através de pesquisa experimental, tendo como ponto de partida o fora da literatura acadêmica, tomando como pré-texto um objeto estético. Questiona-se a (im)possibilidade de estabelecimento de uma identidade travesti e seus entrecruzamentos com a normatividade, bem como o caráter subversivo das experiências travestis que se mostram como resistência entranhadas no tecido social ao colocar-se em movimento de devir, um devir mulher de pau, através da produção de subjetividades *queer*, aqui denominadas TRANSviadas.

Palavras-chave: Travestilidades. Subjetividades TRANSviadas. Devir.

## Abstract

Based on the short story *Dama da Noite* by Caio Fernando Abreu we developed in our work a debate concerning the production of subjectiveness on transvestites, queer subjectiveness, under the perspective of the philosophy of the difference. Thus, we are supported on the cartographical method through the experimentation research and having as the starting spot the outside of the academic literature, taking the pre-text as an aesthetical object. We debate on the (im)possibility of a transvestite identity establishment and its crossings with the patterns, as well as the subversive character of transvestites' experiences which stands out as a resistance inside the social net once they are set in a becoming motion, a becoming woman with cock, through the production of queer subjectiveness, a concept designed in this work as TRANSviadas.

Keywords: Transvestism. TRANSviadas subjectiveness. Becoming.

Caio F. – por tratar-se de um autor contemporâneo cuja obra tem como uma das marcas o que poderíamos denominar de antiassepsia literária e que explora, principalmente, a urbanidade e as diversas relações que se estabelecem nesse contexto – nos provoca a ver e, ainda mais, a questionar o tido por “sujo” do cotidiano nas relações humanas, “sujo” que o senso comum e também a academia relutam em ter que lidar, afastam de suas vidas e análises (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008). Esse questionamento passa por uma atitude não ingênua em relação a esse afastamento. Dessa forma, antes de ser um acontecimento sem propósito ou efeitos, acreditamos que esse afastamento está imbricado numa lógica de poder que, demarcando lugares em binarismos como conhecimento *versus* ignorância, assepsia *versus* pornografia e produção discursiva *versus* silêncio, estabelece o que vale ou não a pena ser dito, produzindo, assim, “conhecimentos em relação aos quais há uma 'recusa' em se aproximar; conhecimentos aos quais se nega acesso, aos quais se resiste” (LOURO, 2008, p. 69), assuntos dos quais não se deve tratar e palavras as quais não se devem pronunciar. No entanto, se existe resistência é por haver, justamente nesses saberes e realidades “sujas”, um poder não hegemônico, um poder que pode desmascarar as falácias de um saber hegemônico, que pode, por fim, apontar os vieses que impedem um bem olhar sobre o cotidiano e as dinâmicas sociais que aí se dão em suas múltiplas nuances. Não sendo nem limpa nem hegemônica, tampouco tendo a pretensão de sê-la, “podemos nos valer agora de algo menos preciso, mais artístico, como pode ser a literatura” (FERRE, 2001, p. 196). É assim que a Dama da Noite de Caio Fernando Abreu (1988), por suas características ambíguas e provocativas, pode facilmente nos remeter a uma discussão não higienizadora, não normativa e engajada num movimento de subversão que podemos denominar de *queer*.

Em Dama da Noite, é construída uma narrativa na qual a personagem protagonista do conto conversa com um homem jovem, talvez um adolescente, num bar. Essa conversa, no conto, se institui como um monólogo, dado que somente o que é dito por Dama da Noite aparece na escrita, ficando apenas implícita a interação com o seu interlocutor durante o desenrolar da narrativa. Nessa conversa, Dama da Noite fala de sua vida, dos desafios e dificuldades que ela, enquanto pessoa madura e “vívica”, já passou e ainda passa, num constante jogo de comparação e confronto entre a realidade dela e a do jovem com o qual conversa, bem como das pessoas que também estão no bar no momento do diálogo.

Durante a conversa que Dama da Noite estabelece com o *boy*, como assim ela chama seu interlocutor, há, em seu vai e vem de ideias, por vezes um

tanto quanto desarrumadas, um constante questionamento da normatividade, dos limites das sexualidades e, num extremo, dos projetos de vida que regem a existência de grande parte das pessoas em contexto ocidental e urbano na contemporaneidade. Nesse movimento, ela estabelece o que denomina de *a roda*, no caso, o espaço privilegiado de e pela produção de subjetividade capitalística (GUATTARI; ROLNIK, 2010) e pela heteronormatividade; e o estar fora *da roda*, algo por ela experimentado e exposto como um movimento repleto de paradoxos que transitam entre o prazer dessa condição e a abjeção dela decorrente que, conseqüentemente, gera dor e, além dessa, que é um fenômeno subjetivo e inevitável da existência humana, sofrimento ético-político, que se refere à “dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (SAWAIA, 2008, p. 104), denotando assim uma hierarquização nas relações sociais que leva a uma inclusão perversa das diferenças.

Ora, se a arte imita a vida, como metáfora do real, não poderia a vida não apenas imitar a arte, mas, ainda, tornar-se ela mesma uma obra de arte? Nesse sentido, numa perspectiva da estética da existência, realizamos um estudo *queer* por meio de pesquisa experimental apoiada no método da cartografia (ROLNIK, 2006). A cartografia se caracteriza como uma forma de fazer pesquisa que acompanha os processos de subjetivação e possíveis processos de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 2010), bem como “as estratégias das formações do desejo no campo social” (ROLNIK, 2006, p. 69). Dessa forma, o foco do cartógrafo recai sobre a produção de vida nos processos de subjetivação pesquisados e experimentados. Ela se configura como a composição de uma paisagem psicossocial que tanto pode tomar como campo um contexto real como um contexto que se configura como dobra do real, como a experiência do fora, “o fora constitui uma realidade, mas uma realidade virtual” (LEVY, 2011, p. 101). Não há cartografia sem experimentação, não obstante, há pesquisa experimental que se constitui da experiência do fora da literatura científica, envolvendo análise de um objeto estético. Para Deleuze, a experiência do fora “abre novas possibilidades de vida, novas individuações” (*apud* LEVY, 2011, p. 100), haja vista “que o processo de criação seja filosófico, seja artístico, quando engendrado como a experiência daquilo que se chama o fora, promove o surgimento de uma nova ética, de uma nova maneira de se relacionar com o real” (*apud* LEVY, 2011, p. 100).

É a partir dessa relação com o fora da literatura acadêmica que realizamos a cartografia do conto e, ao fazê-lo, o tomamos como o que Rolnik (2006) denomina de fator de a(fe)tivação, ou seja, é a partir do conto que iniciamos o processo da cartografia das produções de subjetividades TRANS,

sendo ele que ativa nossos afetos para pensar e produzir através dos fluxos desejantes. No entanto, não nos restringimos a ele e, acompanhando os fluxos que o percurso proporciona, desenhamos um mapa que se encontra com a bibliografia acadêmica, com música e afetividades em nossas relações com as experiências TRANS. Nessa cartografia, encontramos-nos e nos perdemos do conto num percurso que continuará aberto mesmo após os limites da escrita do presente trabalho.

Assim, tomamos a Dama da Noite de Caio F. como um pré-texto, sem pretensão de realizar uma análise literária, com o objetivo de analisar a produção de subjetividades engendrada na experimentação das travestilidades, subjetividades *queer*, que aqui denominamos TRANSviadas<sup>1</sup> devido ao seu caráter, necessariamente, e apesar das diversas formas de captura existentes, questionador, que, causando estranhamento aos que com elas têm contato, tal como a Dama da Noite causa ao *boy* com o qual conversa, pode nos levar a questionar, principalmente, as estruturas de gênero – desmascarando assim seu caráter performativo, como colocação das produções discursivas acerca dos gêneros em ato (BUTLER, 2008), e protético, como as apropriações de códigos de gênero biológicos, tecnológicos e semióticos que viabilizam as experiências dentro de uma estrutura generificada (PRECIADO, 2008, 2011) –, mostrando assim que há a possibilidade de uma existência que TRANSceda os gêneros e as normas que a regem.

Apostar nessa possibilidade subversiva das travestilidades é apostar exatamente na diferença produzida nesses modos de vida. Podemos questionar qual seria essa diferença, uma vez que, dentre as possibilidades de existência travesti, podemos encontrar, diferentemente do que é posto pelo senso comum e também por discursos científicos de cunho naturalizante, uma infinidade de possibilidades. Assim, a própria Dama da Noite, entre outras razões, acaba por não corresponder ao estereótipo travesti que está nas expectativas do imaginário social que cerca as travestilidades, pois, sendo travesti, não se prostitui, ao contrário, insinua contratar esse serviço do *boy* com o qual conversa. Assim como ela, a realidade também nos traz uma infinidade de modos de vida de travestis que, além de escaparem das normas de gênero, também escapam dos estereótipos repletos de condenação moral e/ou patológica que foram criados a respeito dessas experiências.

---

<sup>1</sup> Optamos, seguindo Berenice Bento (2009), na maioria das vezes, por utilizar o termo TRANSviadas em vez de *queer* por considerar que existem especificidades nesse campo de estudos, bem como na vivência das experiências não hegemônicas de sexualidade no contexto brasileiro que demandam, por esse motivo, uma nomeação específica que demarque essa possibilidade de pluralidade. Além disso, durante o trabalho, utilizaremos o prefixo TRANS sempre com letras maiúsculas com a finalidade de destacar a possibilidade de TRANSceder as normas que as experiências que discutimos possuem.

Sendo assim, o mais interessante é, em vez de tentar estabelecer uma identidade para as experiências travestis, questionar a que e a quem servem as identidades e, mais especificamente, as identidades de gênero. Desse modo, faz-se necessário pensar a identidade, bem como a diferença, num jogo de relações de poder e, conseqüentemente, como algo que nunca é inocente ou despropositado, mas que está inserido em atos de criação engendrados nas relações de poder (SILVA, 2000). Nesse sentido, antes de qualquer coisa, a identidade teria a finalidade de estabelecer lugares para as possibilidades de diferença, bem como de hierarquizar essas diferenças, o que, num extremo, pode até mesmo estabelecer o não lugar, o lugar do não dito, o lugar do abjeto, o *fora da roda*, como no caso de Dama da Noite e das travestilidades de forma geral. São travestilidades invisibilizadas que estão nessa hierarquia que Prado e Machado (2008) denominam de hierarquia da invisibilidade. Invisíveis, interdidas e abjetas por serem impensáveis no interior de nossa cultura, por “não se enquadrarem numa lógica ou num quadro admissíveis” (LOURO, 2008, p. 70) para nossa cultura. Impossível então não pensar as identidades como um lugar da norma e, assim, da interdição. Não é à toa que no tocante às sexualidades todo um campo de saber é constituído para que a verdade do sujeito se mostre através do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 1988), é assim que as ciências sexuais apoiadas em diversos saberes, predominantemente médicos e *psi*, vão se encarregar da missão de “conhecer, explicar, identificar e também classificar, dividir e disciplinar a sexualidade” (LOURO, 2008, p. 79), produzir discursos acerca das experiências dos sujeitos que passam a ser genericadas e sexualizadas dentro de um sistema de inteligibilidade específico. Em síntese: estabelecem-se uma identidade e os meios de controlá-la. No entanto, o discurso, como afirma Foucault (2011), nesse circuito de saber-poder, dá-se sempre como uma forma de violência sobre as coisas das quais fala.

A partir desse contexto, podemos concluir que a identidade é algo imposto, não dizendo tanto dos sujeitos aos quais se referem como *a priori* pode parecer. Nessa direção, Ferre (2001, p. 196) afirma: “minha identidade me dão os outros, mas eu não sou essa identidade, pois se eles têm de dá-la a mim é porque eu, em mim mesma, em minha intimidade, não a tenho”. Assim, diferentemente do que os discursos hegemônicos no que tange às experiências de gênero e sexualidades tentam nos fazer acreditar, o fato é que não há nada nessas experiências humanas que seja antes de uma inscrição cultural; sendo assim, não tem sentido em se falar em naturalidade das identidades de gênero

e sexualidades, que, nessa perspectiva, passariam a ser vistas como um conceito fixo e imutável, de modo que tudo que nisso não se encaixasse seria colocado no âmbito do imoral, do patológico, do impossível. Atentar para o caráter histórico e cultural das sexualidades é abrir a possibilidade de pensá-las como algo que tem a potencialidade de ser transitório, dado seu caráter arbitrário (SOUSA FILHO, 2007).

Assim, podemos concluir que a naturalização das sexualidades nada mais é do que a tentativa de estabelecimento da efetivação de um sistema hegemônico para os gêneros e sexualidades, o que acaba, numa análise mais atenta, por demonstrar que se trata de discursos socialmente construídos e histórica e geograficamente localizados que exigem uma continuidade entre sexo, gênero, sexualidade e desejo (BUTLER, 2008) para poderem funcionar, em que uma anatomia no momento do nascimento determinaria todas os outros termos do que poderíamos chamar de equação dos corpos. No entanto, em função de estar baseado numa falácia, esse sistema não se mantém sem esforço, havendo sempre *aquelxs*<sup>2</sup> que dele escapam por múltiplas vias que podem ser abertas no âmbito desse sistema normativo através de inúmeros atos subversivos. É nesse esforço de manutenção, sempre reiterado e em alguma medida sempre falho, que o próprio sistema se denuncia, pois, se “para assegurar seu funcionamento são necessários investimentos continuados e repetidos” (LOURO, 2008, p. 81), há algo a defender, algo não imodificável, mas instituído, uma *roda* que reiteradamente não permite a inclusão de Dama da Noite e seus múltiplos devires, uma vez que tal inclusão seria a abertura a uma possibilidade que, apesar de negada, existe para *todxs*.

Dentro desse sistema, nota-se então que a identidade é algo que acaba por servir a uma hegemonia, é através do estabelecimento de identidades que se pode demarcar quem ocupa ou não os espaços de privilégios instituídos, quem está *dentro* ou *fora da roda*, como denomina a Dama da Noite. Sendo assim, antes de querer estabelecer uma identidade fixa para as travestilidades, optamos por investir no que Bento (2006, p. 26) denomina de “‘identidades rizomáticas’, em razão de sua capacidade potencial de criar fissuras nas normas de gênero de forma multifacetada”. Dessa forma, por seu caráter fluido e processual, preferimos afirmar o devir de Dama da Noite e das travestilidades, nesse caso, um devir mulher de pau. Assim, as travestis das quais falamos são aquelas que, desafiando os interditos, fizeram-se mulheres, não como

---

<sup>2</sup> Em diversos momentos do texto, utilizamos a letra “x” no lugar da que definiria um gênero para a palavra. Com isso, tentamos “desgenerificar” o discurso, questionar através da escrita a categoria gênero.

esperado pela heteronormatividade, mas flores verticais<sup>3</sup>: mulheres de pau, mulheres que escancaram o caráter histórico e socialmente construído, performático e protético dos gêneros e das sexualidades.

Por essa razão, optamos por chamar a atenção exatamente ao que mais intriga e interdita os modos de vida travesti: um reinventar-se em um corpo, já que é a descontinuidade entre sexo, gênero e sexualidade nas expressões travestis que trata de interdita-las como seres que importam, seres (im)possíveis, transformando-as em seres abjetos. Ora, para as travestis, o nascer em um corpo dito masculino não as obriga a serem homens, tampouco, para muitas, essa recusa as torna mulheres (KULICK, 2008). No entanto, nossa sociedade estabelece o que viriam a ser *corpos homens* e *corpos mulheres* como algo fundante da categoria humana (BENTO, 2006; PRECIADO, 2011), ou seja, a travesti, por estar fora dessa norma, por produzir o feminino num “corpo de homem”, é lançada à abjeção pela norma binária heterossexual e, por construir-se fora do binarismo homem-mulher, é considerada uma cópia mentirosa (BENTO, 2006), passando assim a habitar as margens dessa norma e, ainda mais, criando os contornos da própria normalidade, dado que esta não existe sem seu extremo oposto: os anormais (LOURO, 2008).

Se, por um lado, ao serem postas no local da anormalidade, devido ao não encaixe no sistema sexo-gênero binário, as travestis são consideradas cópias mentirosas e até mesmo colocadas fora do que pode ser considerado humano de acordo com os critérios de inteligibilidade hegemônicos no que tange às expressões de gênero e sexualidades (BENTO, 2006), por outro lado, em função do fato de constituírem-se como seres que executam uma *performance* de gênero que não condiz com suas anatomias, elas abrem a possibilidade de questionamento da pretensa verdade e naturalidade das normas que regem esse sistema. Se há *performance*, e essa pode transitar entre os corpos, e até mesmo num mesmo corpo no decorrer da vida dos sujeitos que podem experimentar diversas formas de vivenciar o gênero segundo suas possibilidades e desejos, pode-se falar em originalidade e cópias? Não estaríamos *todxs* copiando, seja dentro ou fora da norma, *performances* de gênero? Nesse caso, até que ponto uma cópia pode ser verdadeira ou mais

---

<sup>3</sup> A utilização do termo “flores verticais” se dá sob a inspiração de música de José Miguel Wisnik sobre o poema de Oswald de Andrade, na qual se fala sobre a vida das prostitutas, denominadas de flores horizontais, por serem disponíveis para todos. Assim, denominamos aqui as travestis de flores verticais, pessoas que, assim como as prostitutas e, muitas vezes, também trabalhando no mercado do sexo pago, são postas à margem, flores pela beleza e potência que podem ser encontradas em suas vidas, e verticais pela ênfase que damos ao que mais interdita suas existências: o pau. Música disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=9Rl6ri\\_DNml](http://www.youtube.com/watch?v=9Rl6ri_DNml)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

verdadeira do que outra? (BUTLER, 2008). Como as subjetividades poderiam produzir-se TRANSviadas, puros simulacros, fora das representações binárias?

#### A perspectiva deleuziana dos simulacros

consiste em considerá-los não como simples imitações, como uma cópia de cópia, uma semelhança infinitamente diminuída, um ícone degradado, mas como uma maquinaria, uma máquina dionisíaca, uma potência positiva, “potência primeira” que, quando não é mais recalcada pela ideia, é a própria coisa [:mulher de pau] (MACHADO, 2009, p. 48).

Dama da Noite afirma-se como cópia sem semelhança, *puro simulacro*, ela dirá ao *boy* (ABREU, 1988). Ela é a própria coisa: mulher de pau. Ela subverte a representação afirmando “os direitos dos simulacros reconhecendo neles uma potência positiva, dionisíaca, capaz de destruir as categorias de original e de cópia” (MACHADO, 2009, p. 48). O simulacro “encerra uma potência positiva, que nega tanto o original quanto a cópia, tanto o modelo, quanto a reprodução [...], é o sistema em que o diferente se relaciona com o diferente pela própria diferença” (DELEUZE *apud* MACHADO, 2009, p. 49).

Nessas experiências *queer*, o que ocorre é um escape, uma reapropriação indevida das *performances* de gênero, um deslocamento subversivo das normas (BUTLER, 2008; LOURO, 2008). Nessas experiências, em vez de serem repetidas, as normas são deslocadas, desestabilizadas, fazendo emergir sujeitos que escapam às suas regras (LOURO, 2008). Através desses deslocamentos, a Dama da Noite afirma a possibilidade de uma existência *fora da roda*, uma produção de subjetividade TRANSviada por excelência, ou seja, uma existência que se dá na e pela transgressão, o que, por fim, questiona o funcionamento mesmo *da roda*, suas regras e limitações. É assim que Dama da Noite diz ao *boy*:

Você não conhece esse gosto que é o gosto que faz com que a gente fique fora da roda que roda e roda e que se foda rodando sem parar, porque o rodar dela é o rodar de quem consegue fingir que não viu o que viu (ABREU, 1988, p. 95).

“Estar na transgressão, exercer a transgressão também pode ser lido como um efeito e exercício de poder e prazer” (FERRARI; ALMEIDA; DINALI, 2010, p. 107). É através dessa transgressão que a abjeção imposta às travestilidades é transformada em resistência, e é no movimento de transformar

a abjeção que a norma impôs às travestilidades em resistência que se pode vislumbrar o que há de mais fascinante nos modos de vida travestis e que torna possível um devir mulher de pau.

No entanto, esse devir mulher de pau não está atrelado à existência travesti em si e por si, uma vez que o devir se dá apenas no movimento. Dessa forma, quando há também processos de captura das subjetividades TRANSviadas, estas podem perder muito de seu potencial transgressor, sendo docilizadas e “integradas” ao *status quo*. Isso pode ser notado em relação à Dama da Noite quando, apesar de toda provocação e produção de diferença que ela apresenta em relação aos que *rodam na roda*, ela reivindica um verdadeiro amor pelo qual espera todos os dias, num movimento de captura pelo amor romântico burguês de matriz heterossexual; e também veste preto e tem o cabelo arpepiadinho como a maioria dos presentes no bar (ABREU, 1988), num movimento de captura pela estética normativa predominante no cenário no qual se inserem os personagens do conto. “Afirmar o devir é afirmar o fluir e o destruir, o fluxo e o refluxo, com rejeição de qualquer estado que remeta a perenidade, durabilidade, estabilidade” (AZEREDO, 2009, p. 53), é desvencilhar-se, enfim, de territórios fixos, tal qual ocorre com as travestilidades que se liberam de um território subjetivo no campo do gênero, apesar dos processos de capturas também aí existentes. Devir mulher de pau pode ser visto como um devir mulher (GUATTARI, 1981) no campo específico dos embates de gênero e sexualidades – e, dessa forma, assim como o devir mulher não está atrelado à categoria estanque *mulher*, e ainda, nem o devir corpo feminino deve ser assimilado à figura naturalizada da mulher ou até mesmo do corpo tido por feminino devido às suas marcas protéticas e performáticas; mas sim ao que opta por desempenhar um papel intermediário, criativo e sensível num sentido ético-estético-político – o devir mulher de pau também não pode estar restrito às travestilidades, mas atrelado aos modos de existência que TRANScendam os gêneros e as normas que os regem, que, em vez de apenas reproduzir a equação dos corpos imposta pela heteronormatividade, abrem-se à multiplicidade, criam rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011) nos corpos e suas experiências.

É através desse devir mulher de pau que as travestilidades se inserem em meio aos jogos de poder, mediante a expressão desses modos de vida desestabilizadores das normas de gênero. A subjetividade TRANSviada da Dama da Noite e das diversas formas de travestilidades se apresenta como uma forma de resistência que se impõe através do banal, no simples ato de existir como diferença. Por meio desse contato com o *boy*, contato furtivo, ocasional, a

Dama da Noite não passa despercebida, pois desestabiliza, questiona o funcionamento normativo *da roda*, transforma sua abjeção, sua possibilidade de contaminar, uma das marcas dos seres abjetos (BENTO, 2009), em resistência: “Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo de seu jardim pestilento” (ABREU, 1988, p. 95). É assim que Dama da Noite e *todxs aquelxs* que ousam possibilidades de devir mulher de pau marcam através de sua diferença, “eu sei que fico em você, eu sei que marco você. Marco fundo” (ABREU, 1988, p. 96), dirá ela a um *boy* desestabilizado frente a sua estonteante produção de diferença.

Dama da Noite desafia os interditos, coexistindo com os seres que importam, ela se afirma como ser possível e demonstra também sua força de desafiar, desdenhar *da roda*, questionar, enfim, as normas. “A norma, aquele princípio geral que a todos quer atingir e que divide todos em dois grandes grupos: os que estão dentro do normal e os que estão fora do normal” (VEIGANETO, 2005, p. 62), é forçadamente flexibilizada por Dama da Noite. Para ela, na maior parte de sua fala, não interessa estar *rodando na roda*, não interessa a normatização, mas o devir: “Estou ficando tonta. Essa roda girando girando sem parar. Olha bem: quem roda nela? [...] Estar fora da roda é não segurar nenhuma, não querer nada. Feito eu, não seguro picas, não quero ninguém” (ABREU, 1988, p. 97). É nessa característica desmascaradora do binarismo em relação às expressões de gênero e sexualidades impostas pela heteronormatividade – masculino *versus* feminino –, com todas as suas consequências, que reside a potência das travestilidades. Desse modo, reivindicando, num movimento paradoxal, em alguns poucos momentos o *rodar na roda*, e noutros a desdenhando de forma absoluta, Dama da Noite acaba por desafiá-la, exerce poder sobre ela, questiona se haverá espaço, numa roda tão restrita, para a subjetividade TRANSviada por ela produzida, mostra-se como uma diferença *queer*, que não quer ser assimilada (LOURO, 2008), ser incluída *na roda*, mas sim questioná-la, ou, ainda, ao desestabilizá-la, destruí-la.

O *ser puro simulacro* da Dama da Noite e seus múltiplos devires é o que a potencializam em sua existência, bem como as existências das travestilidades em geral e a produção de subjetividades singulares.

## Referências

- ABREU, Caio Fernando. Dama da noite. In: \_\_\_\_\_. *Os Dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p. 91-98.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Epifanias da homoafetividade ou o choque anafilático sofrido por Anthony Giddens ao ingerir Caio Fernando Abreu. *Bagoas*: revista de estudos gays, Natal, v. 2, n. 2, p. 133-51, jan./jun. 2008.
- AZEREDO, Vânia Dutra. Devir. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara (orgs.). *Abecedário*: educação da diferença. São Paulo: Papyrus, 2009. p. 52-4.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo*: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo*: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 17-23.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: \_\_\_\_\_. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2 – v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-49.
- FERRARI, Anderson; ALMEIDA, Marcos Adriano; DINALI, Wescley. Teoria e subjetividades queer: poder, resistência e corpo. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Org.). *Foucault, Deleuze e a educação*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010. p. 105-131.
- FERRE, Nurias Pérez de Lara. Identidade, diferença, diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). *Habitantes de Babel*: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195-214.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I*: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- GUATTARI, Félix. Devir mulher. In: \_\_\_\_\_. *Revolução molecular*: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34-37.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KULICK, Don. *Travesti*: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra as homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.
- PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Manifiesto-contrasexual*. Barcelona: Anagrama, 2011.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Sulinas; Editora da UFRGS, 2006.
- SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética inclusão/exclusão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 97-118.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.
- SOUSA FILHO, Alípio. Por uma teoria construcionista crítica. *Bagoas: revista de estudos gays*, Natal, v. 1, n. 1, p. 27-59, jul./dez. 2007.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Quando a inclusão pode ser uma forma de exclusão. In: MACHADO, Adriana Marcondes et al. *Psicologia e direitos humanos: educação inclusiva, direitos humanos na escola*. Brasília: Casa do Psicólogo, 2005. p. 55-70.

